

I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

Domingos Morais

Muito bom dia

É assim um sonho bom concretizar, ver a possibilidade de realizar este congresso que reúne muito boas vontades e muito boas práticas no nosso país.

Quem dera que o tempo não corresse por vezes e que quem estivesse a abrir esta sessão fosse o Ernesto Faria de Oliveira. Isto, pelo simples motivo que, quando na década de 60, ele fez todo o trabalho de registo e de estudo dos instrumentos Portugueses e escreveu a toda a gente no país que podia dar alguma informação e que o podia orientar, as respostas eram incríveis; ou seja isto está muito bem descrito num texto de Beijamim Pereira, em que ele conta que escreveu para todas as Juntas de Freguesia, para os padres, para as associações, casas do povo... e as respostas: "há por aqui uns bombos...; há por aqui umas pessoas que tocam uns instrumentos e uns pífaros..."; mas tudo aquilo era muito inconsistente, não se conhecia de facto a riqueza que Portugal tem. E o que acontece, é que foi possível reunir informação para fazer um primeiro livro, com os instrumentos populares portugueses. E quando se fez a reedição - era aqui que eu queria chegar - na altura, eu estava no museu de etnologia com o Veiga de Oliveira, com o Beijamim Pereira e toda aquela maravilhosa equipa, e o Ernesto veio ter comigo e disse:

"- Ó Domingos, nós devíamos era pôr a música escrita, transcrever, pôr como é que se tocam esses instrumentos"

E foi na altura que eu contactei o Rui Júnior e disse:

"- Para os bombos vamos contar com a vossa experiência e vamos registar a *Chula* e o *Malhão* e vamos pôr lá"

E foi, penso eu, das primeiras vezes que saiu, numa grande edição, o registo das práticas do tocar popular.

Estamos num outro tempo muito diferente, é um tempo em que conseguimos juntar num mesmo painel pessoas que têm a ligação a grupos de música popular, das colectividades e na sociedade não verbal, digamos assim, e pessoas que estão ligadas ao ensino da música em conservatórios e em academias. Hoje podemos ter esse diálogo. Durante muito tempo isso não foi possível. Eu lembro-me, por exemplo, nos tempos do conservatório do séc. XX, era impensável que houvesse até uma guitarra portuguesa lá e muito menos uma viola e muito menos

instrumentos de percussão popular. Hoje em dia isso é perfeitamente simples de resolver e este painel vai ser um pouco, com o pouco tempo que nós temos nesta primeira parte, de dizer o que tanto nas escolas de música mais formais e que seguem programas e currículos, como nas outras situações foi possível começar a criar, aquilo a que eu chamo, o embrião de qualquer coisa que nos poderá levar a ter, de uma forma mais estruturada e organizada, a oferta para as novas gerações do conhecimento das práticas da música popular, nomeadamente dos instrumentos e a sua riqueza. E eu por aqui me fico e vou passar a palavra à Brites Marques para lhe pedir uma breve descrição daquilo que a trouxe e que a junta aqui.